

A FICCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA EM *NOVE NOITES*, DE BERNARDO CARVALHO, E A PROBLEMÁTICA DOS GÊNEROS

Jhonatan Rodrigues Peixoto da Silva (UNIABEU)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo promover um diálogo entre a obra *Nove noites*, de Bernardo Carvalho, e os conceitos concernentes à Metaficção Historiográfica para, em seguida, tratar da problemática dos gêneros literários. A metodologia adotada é a leitura de teóricos cujas ideias convergem para os objetivos aqui pretendidos, como Helena Parente Cunha, Linda Hutcheon, Aristóteles e Walter Benjamin, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Metaficção Historiográfica, Literatura e História, Gênero literário, *Nove noites*, Bernardo Carvalho.

INTRODUÇÃO

Bernardo Carvalho (Rio de Janeiro, 1960 ó) é um dos mais prolíficos escritores brasileiros contemporâneos. Estreou em livro solo com *Aberração* (volume de contos) e publicou os romances *Onze* (1995), *Os bêbados e os sonâmbulos* (1996), *Teatro* (1998), *As iniciais* (1999), *Medo de Sade* (2000), *Nove noites* (nosso objeto de análise, 2002), *Mongólia* (2003), *O sol se põe em São Paulo* (2007) e *O filho da mãe* (2009). Sua obra, dialogando com a literatura de massa e com as questões do mercado, requer um leitor ativo, que pense e investigue, que concrie o texto, sem deixar que a obra caia em um didatismo ou cerebralismo que impeça a fruição e o envolvimento do leitor com o texto. Isso se deve ao fato de a literatura de Carvalho mesclar real e ficcional, exigindo, assim, para além de uma leitura de prazer, a vinda de um leitor-modelo.

Este artigo tem como objetivo analisar uma das obras mais significativas de Bernardo Carvalho, *Nove noites*, buscando um diálogo com alguns conceitos sobre a literatura pós-moderna, principalmente o de metaficção historiográfica. No romance em questão, literatura, história e jornalismo se mesclam, resultando em uma infinidade de possibilidades interpretativas e de leitura. É também nosso ensejo questionar as noções de gênero literário, insuficientes para classificar *Nove noites* em categorias óadequadasö, em ramos genéricos que se mostram, neste caso, artificiais. Entretanto, encontramos duas definições iniciais que podem servir a uma leitura de *Nove noites* ó sem que se perca a natureza marcadamente aberta da obra.

Nosso primeiro capítulo apresenta, de modo sucinto, o contexto histórico de *Nove noites*, objetivando aproximar o romance daqueles leitores ainda não familiarizados

com a prosa do autor, bem como atualizar a narrativa para os que já a leram. Em seguida, no segundo capítulo, faremos uma análise da narrativa sob a perspectiva do narrador-jornalista e investigaremos o modo como ela se constitui na estrutura da narrativa. Em seguida, investigaremos de que forma estão inscritos em **Nove noites** certos problemas envolvendo as relações entre história, ficção e jornalismo. Finalmente, analisaremos a problemática dos gêneros literários, um dos mais complexos da Teoria Literária, a fim de encontrar uma classificação satisfatória para **Nove noites**.

1 O CONTEXTO DE NOVE NOITES.

Em **Nove noites**, Bernardo Carvalho conduz o leitor na investigação o suicídio do jovem antropólogo americano Buell Quain, episódio historicamente ocorrido em 1939. **Nove noites** desprende-se do arquétipo de um romance tradicional, linear, e nos fornece um mundo ficcional denso, que mescla o literário ficcional e o fato histórico, uma tendência da literatura contemporânea, pós-moderna, estabelecendo, assim, uma mescla de gêneros. A trama gira em torno de uma busca. Após ler um artigo de jornal, um jornalista inicia uma obsessiva, quase doentia, busca pela verdade do suicídio do antropólogo, ou, mais especificamente, pelos motivos que o teriam levado àquele ato extremo. Além das pesquisas sobre as causas do suicídio, o jornalista também vai ao encontro da família de Quain, seja por meio de cartas, pesquisas em arquivos e em reportagens ou recorrendo a reminiscências de possíveis testemunhas. Daí, o jornalista interroga os sujeitos que cruzaram com o antropólogo ou que apenas tiveram acesso a algum aspecto de sua breve existência e que pudessem ajudar no desvendamento do suicídio.

A personagem chega a visitar a tribo dos Krahô, na qual o antropólogo viveu e que estudou, a fim de depreender os motivos que o levaram ao suicídio. Como se fosse um reflexo da própria busca romanesca, em que o autor mescla real e ficção, o próprio jornalista, em alguns momentos da trama, não mais distingue ficção e realidade e sua vida pessoal parece convergir somente para uma busca desesperada de completar a história com sua pesquisa. O jornalista vai da motivação à obsessão em deslindar o caso Quain. Entretanto, como se verá, recuperar a história por meios tão fragmentados e imprecisos é tarefa impossível.

Contudo, concomitante à pesquisa e às ponderações do jornalista, **Nove noites** também pode ser lido sob outra perspectiva: pelo olhar de alguém que convivera com o antropólogo, a personagem Manoel Perna, um humilde sertanejo, suposto amigo de Buell Quain, que cuja perspectiva do caso é trazida à narrativa por meio de cartas, uma compilação epistolar em que são apresentados alguns elementos da passagem do antropólogo pela aldeia dos Krahô. No decorrer do romance, há a alternância entre estes narradores-personagens, ora em uma visão mais íntima e próxima, a de Manoel Perna, ora em uma visão constituída da mescla entre observação e pesquisa, a do jornalista. E é neste jogo que está o melhor do romance, o entrelaçamento entre ficção e história, embora o enigma não seja propriamente deslindado, mesmo com o reavivamento de uma realidade distante e obscura minuciosamente investigada pelo narrador-jornalista. Enfim, a resolução do enigma não parece ter sido o projeto do autor. O prazer da leitura e do questionamento fica mais a cargo do leitor, nas entrelinhas, na possibilidade de também investigar e, na sensação de que é copartícipe, há a tentativa de desencobrir aquilo que pela história não foi devidamente desvendado.

2.6 LITERATURA, JORNALISMO OU HISTÓRIA?

A perspectiva adotada pelo narrador-jornalista, seu *modus operandi*, no decorrer de todo romance em prol da resolução do suicídio de Quain caracteriza uma tendência na literatura de hoje, a qual Carvalho representa: o hibridismo. Não encontramos em **Nove noites** uma narrativa tradicional. Ela é apresentada por dois narradores singularmente autodiegéticos. Ao amálgama destas perspectivas narrativas, acrescenta-se outra, híbrida, concentrada peculiarmente entre narradores autodiegéticos e o homodiegéticos, em uma abordagem insólita que utiliza meios e métodos históricos (a vida do antropólogo Buell Quain como um fato histórico), jornalísticos (o narrador, repitamos, identifica-se como um jornalista e avia diversas investigações e entrevistas com pessoas que tiveram algum contato com Quain) e literários, pois, acima de tudo, **Nove noites** é uma narrativa ficcional, em sua tipologia textual, um romance, embora essa classificação, como dissemos, seja sempre problemática.

Essa mescla entre literatura, jornalismo e história representa um modo de escrita literária que dialoga com as contradições do que chamamos de literatura pós-moderna: é uma reflexão (aqui, estritamente ligada à raiz etimológica da palavra *reflexão*, vinda do latim *reflexus*, que seria um modo de *reflexão*, de *reflexão*, de *reflexão* e ligada à questão do passado, da história. Assim, a obra apresenta uma forma de repensar os fatos históricos na busca de novas possibilidades. Dentre elas, podemos precisar o conceito de *metaficção historiográfica*:

A metaficção historiográfica nada mais é que a junção de três elementos: história, ficção e intertextualidade, a fim de criar uma nova forma artística que questione valores, pense por si própria e que não busque uma verdade, mas mostre todas as outras que poderiam existir (MACHADO; DE PAULA; DE SOUZA, 2010, pp. 31-41).

E é esse o método utilizado pelo narrador-jornalista durante todo o romance.

Por mais que **Nove noites** prometa, aparentemente, uma *verdade histórica* irreduzível e o leitor imagine que está diante de um romance histórico e que este tem o objetivo de devassar a história, no caso, o suicídio de Buell Quain e o que o narrador-jornalista realiza é uma busca do que poderia ter acontecido, repensando o suicídio de Quain, despreendendo-se da verdade incontestável oferecida pela história. Podemos dizer que, tradicionalmente, a História tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes (SHARPE, 2001, p. 40), envolvendo-se com as muitas possibilidades que a reflexão sobre o fato histórico proporciona. Entretanto, o narrador-jornalista, de Carvalho, opta por outra vertente da História e, em sua obsessão por respostas relacionadas ao suicídio do antropólogo, executa suas pesquisas indo além do que a História tradicional apresenta, e isso é ratificado consoante se aprofunda em temas antes não explorados, como uma pesquisa minuciosa acerca da vida de Buell Quain e acerca das pessoas que provavelmente tiveram algum contato com ele, além da leitura das cartas deixadas pelo antropólogo, antes de ele suicidar-se.

O narrador-jornalista, então, tenta reconstruir o passado histórico, interagindo diretamente com as pessoas e os objetos vinculados a Buell Quain, no conjunto e não em relação a um fato particular. Ele constrói uma história e não apenas preenche lacunas como se vê na historiografia mais tradicional. Em **Nove noites**, o narrador-jornalista se vale de uma perspectiva vinda do materialismo histórico e nos mostra uma visão revigorada de um fato histórico. Walter Benjamin (1985, p. 230-231) enuncia que

ão historicista apresenta a imagem «eterna» do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Essa experiência única é protagonizada por este narrador-personagem em sua reconstrução do fato histórico, mesclada ao jornalismo e à ficção.

O narrador-jornalista torna-se investigador, historiador e, por fim, escritor. Mas se nos parece estranho este amálgama entre história e literatura, o que diríamos da relação literatura e jornalismo? A escrita jornalística é predominantemente denotativa, referencial, tem o ônus regido pela informação, sendo assim, uma espécie de antítese da escrita literária. O discurso histórico tradicional trabalha com casos particulares, defendendo uma verdade incontestável, já nos informava Aristóteles. Entretanto, já dissemos que o narrador-jornalista realiza uma abordagem histórica materialista, revendo o fato histórico e o investigando a partir de todo um contexto e não apenas de uma particularidade. Para darmos uma maior ênfase ao que até agora discutimos, vamos nos valer da clássica referência, Aristóteles em sua **Poética**:

Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada: não seria menos uma história com o metro do que sem ele: a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro, fatos quais podiam acontecer. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História: aquela enuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares (ARISTÓTELES, 2005, p. 28).

A história tradicional (a historiografia, caso preferamos) nos conta o que aconteceu, ela rascunha, registra, documenta. O materialista histórico, na leitura benjaminiana, investiga os pormenores relegados pela história clássica, e que catalisaram o evento maior estampado nos livros de História. Já o poeta, segundo o próprio Aristóteles, apresenta os fatos na forma como podiam acontecer ó o que, no caso de **Nove noites**, implica as verdades gerais encerradas no caso do suicídio de Quain. O que é histórico mescla-se com o fato literário, isto é, com a força volitiva da imaginação do autor que se apropria destes fatos históricos e decide se quer ser fiel ou não ao que a história registrou, se quer apresentá-la ou reapresentá-la e, assim procedendo, acaba por recriá-la também por um ato de vontade. E a sua vontade é o reflexo visto nos procedimentos e nas ações do narrador-jornalista. Ademais, para ficar mais claro ainda, a simbiose entre história e literatura, ou o ponto de interseção entre as duas, em que se fundem, mas logo se separam (história documenta, registra; a literatura não tem estes objetivos e só os faz secundariamente) é que ambas são narrativas. Esta frágil, mas inegável, similitude entre história e literatura foi explorada com destreza pelo narrador-jornalista ao narrar e investigar a vida de Buell Quain.

Enfim, a elucidação do enigma antes esquecido no passado não se materializa em algo concreto ou mesmo possível. Perscrutar o passado não significa, em essência, conhecê-lo na sua inteireza e totalidade, já afirmara Walter Benjamin (1985, p. 224): «articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo». O narrador-jornalista, mesmo com seu minucioso sistema de investigação e com os depoimentos auferidos, não conseguiu inocular-se no âmago do passado, a ponto de depreender o fato histórico como ele de fato foi e destrinchá-lo. No fim, suas inferências acerca do suicídio de Quain constituíram um arcabouço narrativo literário e histórico propício a um romance. Enfim, ele optou pela ficção, e assim retornamos à metaficção historiográfica, que quer repensar o passado e contá-lo ao modo de uma

espécie de *como se*, reafirmemos, do que poderia ter acontecido. Como visto até aqui, a literatura, o jornalismo e a história se apresentam, em *Nove noites*, como que harmonizados na estrutura narrativa, na perspectiva e na abordagem do passado empreendida pelo narrador-jornalista.

3.6 UMA NARRATIVA HÍBRIDA E UMA REFLEXÃO HISTÓRICA

Um romance brasileiro. É esta simples classificação que **Nove noites** recebeu em sua ficha catalográfica. Porém, ao completarmos sua leitura, observando, entretanto, nesta leitura, o arcabouço de **Nove noites**, chegamos à conclusão de que o romance brasileiro não expressa verdadeiramente a mescla de gêneros dessa obra, velando assim as potencialidade e complexidade formais dessa narrativa.

Em suma, o que seria um romance tradicional? Uma estrutura narrativa ficcional que é constituída de um narrador (normalmente hetero, auto ou homodiegético), provida de um desenrolar progressivo, isto é, com vistas a um desfecho da trama e, por fim, tudo isso concatenado a um enredo que requer a participação de um leitor (e se não há enredo, história, não há, essencialmente, narrativa). Tal definição de romance, obviamente, por ser genérica, não abarca a multiplicidade de formas e possibilidades, tão genérica e superficial quanto o rótulo cominado à obra de Carvalho. Contudo, a problemática da classificação dos gêneros pode ser considerada como um dos mais antigos problemas da Teoria Literária, desde Platão e Aristóteles, nos acompanhando até hoje. Aferimos a veracidade deste embate em busca de uma definição dos gêneros no trecho a seguir:

A problemática dos gêneros, a mais antiga da teoria literária, também das mais complexas e controvertidas, empenha ainda hoje o interesse dos estudiosos, que perseveram na busca de uma conceituação. Entre divergências e oscilações, o assunto atravessa toda a história da literatura e da crítica, ora assumindo acomodações de fidelidade a preceitos estáticos, ora desencadeando inovações, com investidas aguerridas e alvoroçadas. O fato é que a questão permanece aberta, a aguçar nossa curiosidade num desafio milenar (CUNHA, 1985, p. 93).

E para conferir mais autoridade ao nosso raciocínio, lembremos que o problema dos gêneros literários constitui um dos núcleos conceituais mais antigos dos estudos literários (SOUZA, 1999, p. 9). Apesar de pertencerem a teóricos distintos, o conjunto de ideias atinentes a ambas as citações mostra-se o mesmo: a hermética e confusa incumbência de conceituar a literatura em gêneros está em enfoque e em discussão desde quando nem mesmo se definiu o termo literatura, como percebemos na **Poética**, de Aristóteles: «A arte que se utiliza de palavras, sem ritmo ou metrificadas [...] até hoje não recebeu nome» (2005, p. 19). Entretanto, já na antiguidade, quando o termo literatura ainda era impensável, Aristóteles analisava e teorizava acerca dos gêneros literários, enfatizando a Épica e o Drama. A **Poética**, de Aristóteles, embora seja um parâmetro originário para se compreender a questão dos gêneros (Épico e Dramático), não conseguiu saciar as muitas incógnitas que permeiam a mente dos teóricos e estudiosos, que buscam alternativas ou meios de interpretações que propiciem maior discernimento e clareza acerca do assunto dos gêneros, da nomeação e distinção entre eles:

Embora a Poética de Aristóteles continue sendo o texto básico para o enfoque dos gêneros, durante séculos vem suscitando interpretações que variam ao sabor do aparecimento de novos modelos literários e segundo a evolução da literatura (CUNHA, 1985, p. 93).

Em sua **Poética**, Aristóteles não analisara o gênero lírico, o que faz de seu trabalho investigativo um tratado ainda incompleto. Temos então no texto aristotélico apenas a identificação e categorização dos gêneros Épico e dramático. Fica assim delimitado o problema da conceituação dos gêneros, para nossas pretensões. Teorias, análises, proposições e sistematizações se congeminaram entre especialistas e teóricos, criando um extenso material de pesquisa e estudo, mas não sendo eficiente a ponto de termos conceituações acerca dos gêneros que não sejam dúbias e, assim, passíveis a mais ponderações e análises.

Esta problematização se aguça no contemporâneo, pois vimos que **Nove noites** não se enquadra, por exemplo, na classificação genérica de romance. Além disso, é preciso dizer que há, na obra, uma multiplicidade de vozes, de pontos de vistas que investigam o passado. Majoritariamente, em **Nove noites**, encontramos dois narradores (há várias outras vozes, entretanto). Ambos não resolvem, como dissemos, o suicídio de Quain, ao contrário, opta-se, na narrativa, pela possibilidade de repensar um fato histórico para reescrevê-lo em um novo contexto (lembramos o conceito de metaficção historiográfica), a partir das muitas elucubrações e possibilidades geradas, retomando-se o passado trazido de volta ao presente.

Se quisermos asseverar a não intencionalidade de Bernardo Carvalho em devassar o passado e mostrá-lo como realmente foi (e isso seria possível, mostrá-lo tão perfeitamente?) podemos transcrever a fala de um de seus narradores, Manoel Perna: ãa verdade está perdida entre todas as contradições e os disparatesõ (CARVALHO, 2006, p. 6). Já bem no início da narrativa, está claro que a verdade histórica como realmente foi é inalcançável. Sendo assim, **Nove noites** não é apenas um romance, possui uma mixórdia de gêneros em sua estrutura, o que torna difícil a sua classificação diante dos gêneros literários.

Conscientes de que **Nove noites** dialoga com um dos conceitos-chave de Linda Hutcheon, em sua definição do que seria o Pós-Modernismo, a metaficção historiográfica, desta forma relacionamos história e literatura e solidificamos esse diálogo através da noção de intertextualidade, o que suscita um universo infundável de possibilidades a serem trabalhadas nestas narrativas. Emaranhamo-nos mais ainda nos pré-conceitos e pré-requisitos que moldaram a rigidez da ideia dos gêneros. Ilustremos, para dar continuidade a essa questão, a forma como a metaficção historiográfica torna nosso tentame ainda mais complexo:

Em primeiro lugar, as metaficções historiográficas parecem privilegiar duas formas de narração, que problematizam toda a noção de subjetividade: os múltiplos pontos de vista (como em **The White Hotel**, de Thomas) ou um narrador declaradamente onipotente (como em **Waterland**, de Swift). No entanto, não encontramos em nenhuma dessas formas um indivíduo confiante em sua capacidade de conhecer o passado com um mínimo de certeza (HUTCHEON, 1991, p. 156).

Os múltiplos pontos de vista, citados por Hutcheon, correspondem à maneira narrativa de **Nove noites**, não só pela dualidade de narradores, mas também aos vários depoimentos de outras personagens, às várias vozes a que um dos narradores recorre, na tentativa de reconstruir o passado. Continuamos sem ter como definir precisamente à qual gênero **Nove noites** pertenceria. Não é puramente ficção, pela obviedade de trabalhar com elementos e narrativas históricas, mas também não é um romance histórico, que objetiva de algum modo retratar uma determinada época e suas peculiaridades. Tampouco temos em mãos um documento histórico ou um texto jornalístico, ambos de características referenciais, visando a uma conceituação informativa de determinado evento ou acontecimento. A narrativa de Carvalho busca novas possibilidades de se criar e pensar o fato histórico, e isto quer dizer pensar o que poderia ter acontecido. A cada proposição de classificação, há uma impugnação.

Um gênero que poderia compor com uma tentativa de definição da narrativa de Carvalho, como visto em várias passagens do romance (e que se junta à miscelânea de gêneros e estruturas) é o epistolar, sempre presente na narrativa de Manoel Perna, constitui-se de uma compilação de cartas que formam um testamento endereçado a alguém que não sabemos quem é, embora possamos inferir, por exemplo, que seja o próprio leitor. Entretanto, essa característica epistolar é mais uma dentre as estruturas textuais presentes em **Nove noites**, e é no âmago desta mesma estrutura que identificamos mais um gênero: o biográfico.

Em uma passagem do romance, Manoel Perna diz: ão guardo rancor de ninguém, muito menos do dr. Buell, meu amigo, a despeito de tudo que possa ter pensado e escrito (CARVALHO, 2006, p. 8). O indicativo de ãmeu amigoõ incute a pessoalidade e a intimidade que Perna tinha em relação a Quain, e no decorrer da trama, o ãengenheiroõ (que, historicamente, era um barbeiro) discorre acerca de sua experiência nas nove noites (que dão nome à narrativa) ao lado de Buell Quain, construindo uma espécie de narrativa biográfica que expõe, desde a vinda do antropólogo ao Brasil, o seu primeiro contato com o próprio Manoel Perna, até as intimidades da vida de Quain. O contexto biográfico está imerso na forma epistolar de narrar, escolhida por Perna. Se **Nove noites** fosse tratado consoante as teorias maniqueístas (como se o universo fosse simplesmente regido por duas forças adversas, opostas, que se combatem), teríamos na narrativa de Carvalho uma espécie de ãmaniqueísmo literárioõ, pois, da mesma forma que encontramos no romance o gênero biográfico, também nele identificamos o gênero autobiográfico, este sendo aduzido pelo narrador-jornalista. Temos, então, estas duas ãforçasõ (estes gêneros), que não são exatamente opostas ou combatentes, mas que se diferenciam e apresentam-se com vigor em **Nove noites**.

Ao investigar os motivos que teriam levado o antropólogo ao suicídio, assim também caracterizando uma biografia, em congruência com Manoel Perna, o narrador-jornalista, por muitas vezes, alude a eventos da vida de Quain e à sua própria vida, como, por exemplo, nas passagens em que relata as viagens nas quais acompanhava seu pai: ãJá estava claro quando meu pai deu a partida nos motores, mas o sol ainda não tinha despontado por trás da barreira de árvoresõ (CARVALHO, 2006, p. 62-63). Tais lugares supostamente seriam os que Buell Quain também teria frequentado. O narrador-jornalista não só constrói uma biografia sobre o antropólogo, conforme suas investigações vão se desenvolvendo, mas também sua própria autobiografia, ao revelar ao leitor detalhes de sua infância, sua vida íntima. Então, já podemos inocular a autobiografia e a biografia no acervo de gêneros de **Nove noites**. E se quiséssemos ser mais específicos, ainda poderíamos associar a investigação do narrador-jornalista ao gênero policial, afinal, o que este narrador realiza é uma meticulosa investigação, a fim

de deslindar o mistério em que está envolvido o suicídio de Quain. E se é para repensar o fato histórico e abarcar suas múltiplas possibilidades, uma inferência de um homicídio ou algo que difira da versão oficial seria extremamente plausível e verossímil dentro da proposta da narrativa.

De posse de todas estas questões, não há como negar que **Nove noites** é uma narrativa híbrida que desafia categorizações. Essa estrutura textual mesclada, que resulta em uma classificação problemática, é imanente a uma das tendências dos escritores modernos, como vemos a seguir:

A tendência moderna dos escritores é, cada vez mais, libertar-se das intolerâncias acadêmicas, em rebeldia contra os princípios autoritários em nome de uma originalidade que derruba a ordem preestabelecida e instaura novas modalidades, cada vez mais difíceis de serem classificadas nas fronteiras dos gêneros (CUNHA, 1985, p. 95-96).

Essa originalidade que derruba a ordem preestabelecida e instaura novas modalidades, conforme Cunha, fala muito ao êxito alcançado por **Nove noites**, pois o romance rompe com os estatutos das narrativas tradicionais, inserindo-se em uma nova proposta ficcional, de outra natureza, e que para nós, leitores, é instigante. Justamente pela necessidade de se estabelecer novos parâmetros de leitura e análise. Após toda essa argumentação, nos perguntamos: a que gênero pertenceria, enfim, **Nove noites**?

Metaficção historiográfica não é exatamente uma conceituação de gênero, mas uma questão oriunda das tendências do que se chama o Pós-modernismo: um conjunto de ideias que abrange História, Literatura, Jornalismo, coadunados pela intertextualidade marcante, e caracterizados por uma série de estratégias a que faz muitos escritores atuais se lançam.

Deixaremos de lado, neste momento, outras possibilidades (já citadas) de conceituação de gêneros e que poderiam ser atribuídas a **Nove noites**. Agora, no entanto, faz-se necessário mostrar nossa proposta de entendimento da obra de Carvalho. Por tudo que já apresentamos, podemos partir de dois pressupostos para classificar esta narrativa. A primeira concerne a essa miscelânea na qual **Nove noites** se insere e que nos permite arrogar o termo híbrido para atribuir ao romance uma definição satisfatória.

O jogo com as noções de gêneros literários, a profusão de narradores, mesclados, abrigam diversos paradigmas estruturais que correspondem a variadas formas de ficcionalização. Esta nossa proposta ou tentativa de classificação também reconhece o fato de que nenhuma obra é predominantemente exclusiva de um determinado gênero, estando sempre em harmonia com outros, em menor ou maior escala, mas mantendo a essência de um e dialogando com outros gêneros menos presentes na narrativa, genéricos. Tal como diz Helena Cunha:

Toda obra pertence ao ramo genérico, cuja essência se revela em caráter prioritário, todavia, participa também da essência ou de traços particulares de outros gêneros. Desta feita, uma balada dialogada se coloca sob o rótulo da Lírica, embora a essência dramática também se faça notar. [...] O romance pertence ao ramo da Épica, mas seus diálogos o aproximam da essência dramática e a efusão de sentimentos torna-o lírico (CUNHA, 1985, p. 96).

Isso posto, caracterizamos **Nove noites** como uma narrativa híbrida já que variados gêneros se mesclam em sua estrutura e se fragmentam em espécies literárias.

Outra classificação também possível, e mais audaciosa, seria a de caracterizar **Nove noites** pelo conteúdo, com vistas a seu contexto, sustentando que a obra de Carvalho, utilizando como alicerce o próprio contexto histórico, compõe, molda e propõe uma nova compreensão da ficção, abdicando, então, de uma visão puramente estruturalista a qual veria a obra apenas por meio de seus aspectos estruturais.

Partindo, então, desse contexto ficcionalizado para a composição da estrutura e não da estrutura para o contexto, poderíamos categorizar **Nove noites** como uma narrativa ficcional de base reflexivo-histórica. Esta conceituação é uma proposição particular: objetiva compreender certas obras que, assim como **Nove noites**, buscam repensar (e, por isso, o termo *reflexão*, cuja origem latina já foi demonstrada anteriormente) um fato histórico, concedendo a ele novas visões e possibilidades.

Esse modo reflexivo diz muito sobre o contexto histórico de **Nove noites**, que nada mais é do que uma reflexão acerca dos eventos que culminaram no suicídio do antropólogo Buell Quain, acerca das circunstâncias que o levaram a tal ato.

Sendo assim, a reflexão de base histórico-ficcional, ou ficcional-histórica aproxima-se do materialismo histórico benjaminiano pelo contexto mais geral e não pelas particularidades, buscando reconstruir o passado de uma forma imparcial, a mais possível (embora isso, como vimos, seja de difícil realização). Em suma, **Nove noites** também pode ser classificado como uma Reflexão Histórica.

Chegamos, enfim, a uma proposta provisória de leitura, embora ainda dual, na tentativa de categorização da narrativa de **Nove noites**, que vê o romance, dependendo do pressuposto escolhido, ora como uma narrativa híbrida ó sendo esta uma visão mais estrutural, cingida ao embate dos muitos gêneros que encontramos no interior de **Nove noites** ó ora como uma ficção de base histórico-reflexiva, levando em consideração, nesta visão, o contexto plurilinguístico da obra de Bernardo Carvalho.

CONCLUSÃO

Enfim, **Nove noites** apresenta-se como uma narrativa complexa, que mescla conceitos da Literatura, História e Jornalismo, consolidando-se como uma Metaficção historiográfica, tão utilizada atualmente; um modo distinto de olhar para o passado: repensando-o, recriando-o, trazendo-o de volta ao presente, reconstruindo-o. Abdicando da inércia didática da historiografia tradicional e seu preenchimento ideológico de lacunas resultantes dos fragmentos históricos dos quais o historiador possui, a reconstrução do passado engendra possibilidades que transcendem os fatos particulares da historiografia tradicional, pensando o que poderia ter acontecido e não o que aconteceu (e se realmente aconteceu!). Tais conceitos dialogam, então, com o materialismo histórico, na visão de Walter Benjamin, e com as ideias que caracterizam a Metaficção Historiográfica, e, juntos, deflagram um novo tipo de leitura, mais complexa e investigativa e que exige, naturalmente, um novo modelo de leitor.

A problemática dos gêneros literários é sensível e complexa. Demonstramos isso ao analisarmos os gêneros que **Nove noites** possui e aqueles que não são congruentes à obra e, por isso, devem ser descartados. Após aduzirmos toda a problemática atinente ao gênero, e propormos uma classificação satisfatória à obra de Bernardo Carvalho, encontramos duas caracterizações: primeira, como uma narrativa híbrida (vinculada a uma análise estrutural), sendo assim, seu gênero literário; segunda, como uma nova proposta de leitura, denominada Reflexão Histórica; esta, relegando aspectos estruturais,

mantém-se absorta na parte contextual, no repensar de um fato histórico e suas múltiplas possibilidades. Em suma, apaziguamos o embate dos gêneros no interior de **Nove noites** taxando-o como narrativa híbrida, elucidando a questão, pelo menos, estruturalmente. Todavia, a narrativa híbrida de Carvalho ainda mantém uma portentosa estrutura contextual e o fator extralinguístico, que nos permite analisá-la de variados modos, inclusive, na forma proposta neste artigo tal como um discurso histórico-reflexivo. Análise esta que ainda pretendemos, em uma futura oportunidade, nos aprofundarmos mais, já que estamos falando de um discurso abrangente e plurissignificativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **A Poética Clássica**. Aristóteles. Horácio. Longino. São Paulo: Cultrix, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 222-232.

CARVALHO, Bernardo. **Nove noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CUNHA, Helena Parente. **Teoria literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, pp. 141-162

MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins; DE PAULA, Rosana Aparecida; DE SOUZA, Simone Cristina Mendonça. *“Nove noites: o labirinto de vozes”*. In.: **Vértices**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 12, n. 1, p. 31-41, jan./abr. 2010.

SHARPE, Jim. *“A história vista de baixo”*. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2001, p. 39-62.

SOUZA, Roberto Acízelo. *“Gêneros literários”*. In: JOBIM, José Luiz (Org.). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, P.9-67.

FICTIONALYZING HISTORY IN *NOVE NOITES*, BY BERNARDO CARVALHO, AND THE PROBLEM OF THE LITERARY GENRES

ABSTRACT

This article aims at promoting dialogues between **Nove noites**, by Bernardo Carvalho and the concept of historiographical metafiction to deal, in the sequence, with the problem of the literary genres. The method used is the close reading of some theorists like Helena Parente Cunha, Linda Hutcheon, Aristóteles and Walter Benjamin, among others.

KEYWORDS: Metafictional historiography. Literature and History. Literary genre. **Nove noites**, by Bernardo Carvalho.